

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

A IDENTIDADE DO SER ATRAVÉS DOS SÍMBOLOS: A CASA E O PAI.

OLIVEIRA, Daiane Glaeser de (autora)
PIVA, Mairim Linck (orientadora)
daiane.glaeser@hotmail.com

Evento: Congresso de Iniciação Científica
Área do conhecimento: Literatura Brasileira

Palavras-chave: Imaginário; proteção; Cíntia Moscovich.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a análise do conto “Uma forma de herança”, publicado em 2012, no livro intitulado *Essa coisa brilhante que é a chuva*, da escritora gaúcha Cíntia Moscovich. O estudo está vinculado ao projeto “*Crítica e imaginário na literatura sul-rio-grandense*”, que trabalha na pesquisa e organização de dados e materiais críticos de autores sul-rio-grandenses, e na investigação analítica das obras desses escritores através da crítica do imaginário. Este artigo procura delinear as imagens do conto de Moscovich que constelam ao redor da simbologia da casa, resultando num processo de rememoração da própria identidade do ser.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A análise do conto focado se embasa nas pesquisas do Imaginário, desenvolvidas por Gilbert Durand, e pela análise do espaço, pela ótica de Gaston Bachelard, principalmente através da obra *Poética do Espaço*. Este desvela as possíveis significações das imagens que permeiam o espaço intimista da casa, em que se revela a personalidade do indivíduo. Já a Teoria do imaginário procura associar as possíveis simbologias impregnadas em cada símbolo a fim de que se revele o invisível, o sentido simbólico que está por trás da narrativa. O símbolo, de acordo com Jung (1964), é tudo aquilo que abarca sentidos vagos, desconhecidos ou ocultos a nós, ou seja, vai além de seu significado convencional ou imediato. Ainda sobre o símbolo, Durand (2012) o afirma como produto intrínseco do ser humano e que o constitui em todas as esferas.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

O conto “Uma forma de herança”, de certo modo, se apresenta sob diferentes núcleos de significação simbólica. Dentre eles, as imagens do *pai*, da *morte* e da *casa* estão arraigadas em torno da simbologia da rememoração da própria identidade e da efemeridade da vida. De acordo com Bachelard, a imagem da casa é um excelente elemento a ser considerado no processo de delineação da personalidade e da identidade do indivíduo. No conto, o telhado é a parte da casa onde se impregna toda a carga simbólica do tempo. A casa é representada simbolicamente através de duas linhas. A primeira se apresenta como recordação ou lembrança do pai, exercendo, de forma positiva uma influência ao aconchego e à

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

familiaridade, enquanto a segunda mostra toda a negatividade e a morbidez causadas pela ação temporal, aproximando-se da simbologia da morte, capaz de causar a melancolia e a degradação da vida.

A imagem do pai e a imagem da casa se fundem através da simbologia da proteção e do aconchego familiar, que é rememorada pela personagem principal através de um trajeto revelador da adaptação da vida frente a sua efemeridade e à chegada precoce da morte do pai.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Esse estudo caracteriza-se como fortuna crítica do projeto “*Crítica e imaginário na Literatura sul-rio-grandense*”, dessa forma, contribui com interessados ou estudiosos da mesma linha de pesquisa. Além disso, a análise realizada neste trabalho serviu de embasamento teórico em uma aula ministrada no curso de extensão intitulado *Literatura: leituras e ensino*, desenvolvido para a comunidade acadêmica da FURG no primeiro semestre do corrente ano. Após a conclusão do artigo, o mesmo será enviado a revistas científicas com o propósito de publicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises dos elementos textuais na perspectiva do imaginário, desvelam-se as simbologias da casa e do telhado como proteção e aconchego humano e familiar cuja relação é estreita com a simbologia do pai. Denota-se, portanto, o momento em que o indivíduo se encontra em um estado de resignação e aceitação do ser frente à passagem temporal, que degrada tanto os elementos materiais como a vida humana, encontrando assim, sua própria identidade.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números*. Tradução de Vera de Sá Costa e Silva. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

_____. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade São Paulo, 1988.

_____. *Mito, símbolo e Mitodologia*. Lisboa: Presença, [198-]

JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

MOSCOVICH, Cíntia. *Essa coisa brilhante que é a chuva*. Rio de Janeiro: Record, 2012.